

A unidade como caminho de adesão a Cristo: vida comunitária nos seminários católicos

Unity as a path of adherence to Christ: community life in seminaries catholic

*Felipe Capestana da Silva¹
Cesar Augusto Veras²
Marcio Bogaz Trevizan³*

Resumo: O objetivo deste artigo consiste em discutir a importância da vida comunitária no processo de formação daqueles que desejam abraçar o sacerdócio católico. Este trabalho não tem por intuito esgotar o tema, mas

Artigo recebido em: 18 abril de maio 2021
Aprovado em: 13 de set 2021

¹ Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e graduando em Teologia pela mesma instituição. Atualmente pesquisa nas áreas de fenomenologia e ética, com ênfase em Emmanuel Levinas.

² Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e especialista em Docência no Ensino Superior e em MBA Executivo em Gestão Empresarial pela mesma instituição. Atualmente cursando graduação em Teologia pela UCDB.

³ Bacharel em Filosofia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL); Bacharel em Teologia pela Faculdade Dehonina, Taubaté - SP; Licenciado em Pedagogia pela Universidade da Grande Dourados (UNIGRAN); Especialista em Teologia (UNIFAI); Mestre em Educação, na linha de História da educação, memória e sociedade, pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD); Doutor em Filosofia pela Universidad Catolica Argentina (UCA). Possui experiência como professor nos cursos de Educação à Distância (EAD) da UCDB, bem como na formação de jovens e adolescentes. Atualmente é professor de Filosofia, Teologia, Humanidades, e orientador de TCC dos cursos de Pós Graduação (Lato Sensu) na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

apontar linhas de reflexão para pensarmos os relacionamentos interpessoais como um meio de configuração à Cristo. O método adotado foi a pesquisa bibliográfica. Nossas pesquisas dão conta que viver em comunidade requer um processo de transformação pessoal. Tal transformação permite ultrapassar e superar as dificuldades, gerando a comunhão como princípio que une e integra aqueles que partilham a vida em comum. Nessa perspectiva, a vida comunitária, na formação sacerdotal, se apresenta como um caminho; não um caminho qualquer, mas um caminho de encontro com os outros. Para que o caminho de encontro com os outros seja firmado e continuado, este deve ser sustentado pela unidade.

Palavras-chave: Comunidade, Encontro, Unidade.

Abstract: The purpose of this article is to discuss the importance of community life in the formation process of those who wish to embrace the Catholic priesthood. This work is not intended to exhaust the theme, but to point out lines of reflection to think of interpersonal relationships as a means of configuring Christ. The method adopted was bibliographic research. Our research shows that living in a community requires a process of personal transformation. Such a transformation makes it possible to overcome and overcome difficulties, generating communion as a principle that unites and integrates those who share life in common. In this perspective, community life, in priestly formation, presents itself as a path; not just any path, but a path to meet others. For the path of meeting with others to be established and continued, it must be supported by unity.

Keywords: Community, Meeting, Unity.

Considerações Iniciais

A vida em comunidade é fundamental para o ministério e a vida do presbítero. Dentre as quatro dimensões⁴ a serem trabalhadas no decorrer da formação do padre diocesano, encontramos a dimensão humana, como aquela que mais valoriza o encontro com o outro e a vivência em comunidade. Contudo, é preciso ressaltar que as demais dimensões também trazem consigo o viés comunitário da vida sacerdotal.

A vida em comunidade nos insere no “mundo” dos outros, nas relações interpessoais que exigem um profundo processo de superação e amadurecimento. O outro muitas das vezes está à margem, pois resiste àquilo que pensamos, diria Emmanuel Levinas⁵. Apesar da distância, podemos afirmar que ao mesmo

⁴ “Quatro dimensões que formam a pessoa do seminarista: humana, intelectual, espiritual e pastoral” (*Ratio fundamentalis Institutiones Sacerdotalis*, 2016, p. 2).

⁵ Tema aprofundado, de maneira particular, em sua obra: *Totalidade e Infinito*.

tempo em que estamos distantes em formas de pensar e de agir, estamos muito próximos ontologicamente, dado que todos somos “imagem e semelhança”⁶ de Deus.

Antes de adentrarmos à importância da vivência comunitária, no processo formativo do seminarista, se faz necessário nos aproximarmos da vida em comunidade, enquanto uma necessidade do Ser-homem, do Ser-cristão e, sem dúvida, do Ser-social. Nesse sentido, é próprio da natureza do homem ser social. O homem vai viver e desenvolver suas habilidades, à medida que se relaciona⁷.

A possibilidade de nossa existência neste mundo necessitou do sim de outras pessoas. Afinal, todos precisamos de um pai e uma mãe para existirmos. Entende-se aqui a existência não no sentido de vivências, mas, sim, no sentido de “ter vindo de outro ente”, no sentido de *ex-essere*, da ontologia clássica. O ser como causa e princípio⁸ do ser de outros seres, pois o ente não pode se dar a si mesmo.

Seguindo o raciocínio aristotélico-tomista, recordamos também o fato de que um ente em ato mesclado de potência⁹ para atualizar as suas potencialidades necessita de um outro ente em ato mesclado de potência. Isto é, necessitamos uns dos outros para desenvolvermos as nossas potencialidades.

Ademais, em primeira instância a vida comunitária apresenta-se como um eixo de sustentação na vida de qualquer cristão. Tal realidade tem como fundamento a vida de Jesus, que ao se encarnar¹⁰ mostrou o modelo de vida fraterna quando se relacionava com os seus discípulos.

1. Vida comunitária: um caminho

A vida comunitária é, antes de mais nada, um caminho, não um caminho qualquer, mas sim um trajeto permanente na direção do outro. Não nascemos com os amigos “prontos e/ou perfeitos”

⁶ Gn 1,26

⁷ “Pois o homem, por sua própria natureza, é um ser social, que não pode viver nem desenvolver as suas qualidades sem entrar em relação com os outros” (*Gaudium et Spes*, 2001, n.12).

⁸ “Princípio significa a causa primeira e não imanente da geração, ou seja, a causa primeira do movimento e da mudança” (ARISTÓTELES, 2002, p.189).

⁹ “Potência, em primeiro lugar, significa o princípio de movimento ou de mudança que se encontra em outra coisa ou na própria coisa enquanto outra” (ARISTÓTELES, 2002, p.225).

¹⁰ “No princípio era a Palavra [...] e a Palavra se fez carne e veio morar entre nós” (Jo 1,1-14).

dentro de uma bela “caixinha de presentes” ou com os melhores pais do mundo, ou rodeados de pessoas sem problemas. Isso não se verifica na realidade. Sendo assim, superar as dificuldades de integrar-se com os outros se manifesta como um “caminhar”. A esse respeito, Bento XVI aponta que o amor cristão “permanece continuamente *em caminho*: o amor nunca está ‘concluído’ e completado; transforma-se ao longo da vida, amadurece e, por isso mesmo, permanece fiel a si próprio”¹¹.

É fato que, desde a nossa concepção até a vida madura, estamos a nos deparar com os semelhantes a nós, os quais divergem de nós em vários aspectos. No decorrer da nossa vida, permanecemos em uma tentativa constante de conhecermos e compreendermos a nós mesmos e, conseqüentemente, também de conhecermos e compreendermos os outros. Ao iniciarmos esta busca, logo percebemos o quanto somos limitados e “misteriosos”, pois não encontramos capacidades suficientes para sermos “objetos” de análise de nós mesmos e nem de conseguirmos captar a totalidade, que se verifica no ser de outros entes, aqueles que nos rodeiam e nos “incomodam”.

Portanto, o mistério é o único objeto que temos diante dos olhos, o mistério que somos e o mistério que são os outros. E, sem dúvida, constatamos que é no mistério do outro que percebemos o quanto somos também nós um mistério; mistério este que está sempre mostrando ou escondendo o rosto de Deus, numa dinâmica que escorre de nossas mãos. Por isso, o caminho da formação sacerdotal é “um *caminho* de transformação que renova o coração e a mente da pessoa, a fim de que ela possa “discernir qual é a vontade de Deus, aquilo que é bom, aquilo que é agradável, aquilo que é perfeito (Rm 12,2)”¹².

Observamos que o caminho em direção ao próximo pode ser entendido como um processo de conversão. Para Bento XVI, “o amor ao próximo é uma estrada para encontrar também a Deus, e que o fechar os olhos diante do próximo torna cegos também diante de Deus”¹³. O amor cristão possui uma tarefa árdua e permanente, que exige grande seriedade e disposição para ser capaz de “sair de si mesmo”, assim como o próprio Cristo fez ao entregar-se inteiramente por nós no madeiro da cruz, Ele que “esvaziou-se assumindo a forma de servo e tornando-se semelhante ao ser

¹¹ BENTO XVI, 2005, n.16.

¹² RATIO FUNDAMENTALIS INSTITUTIONES SACERDOTALIS, 2016, n.43.

¹³ BENTO XVI, 2005, n.16.

humano. E encontrado em aspecto humano, humilhou-se, fazendo-se obediente até a morte – e morte de cruz!”¹⁴.

A Congregação para o Clero publicou em 2016 a nova *Ratio Fundamentalibus Institutionibus Sacerdotalibus*, que discorre sobre o Dom da Vocação Presbiteral. Neste documento, a formação do presbítero é apresentada com uma divisão em dois grandes momentos, a etapa inicial e a fase permanente. O primeiro momento corresponde à etapa do Seminário Menor, até o momento do estágio pastoral, ao passo que o segundo momento abarca todo o caminho vocacional posterior. Neste segundo momento, é onde a pessoa, aos poucos, vai aprendendo, por meio dos acontecimentos cotidianos, a utilizar-se deles para sua autoformação. É um processo de amadurecimento constante, onde ela se faz dócil aos sinais de Deus em sua própria história e percorre, com isso, um caminho de amadurecimento.

Isto significa que o padre deve entender que, desde o período vivenciado no Seminário, está assumindo um estado de formação permanente. Nesse viés, é fato que o padre não estará “pronto”, após ter recebido a ordenação sacerdotal, pois este é o início do caminho para a formação permanente. Caminho que representa “uma necessidade imprescindível na vida e no exercício do ministério de cada sacerdote”¹⁵.

Desse modo, é perceptível que o caráter permanente da formação instaura um constante dever, que faz com que o padre e/ou seminarista tenha a coragem de deixar de lado suas falsas seguranças e se desafie a estar atento às necessidades sempre atuais do mundo, como o é a vida em comunidade.

Ao falar especificamente da dimensão comunitária, dentro da formação, a Igreja nos ensina que o estado de predisposição para se conviver com o próximo deve ser trabalhado desde o caminho do acompanhamento vocacional. “A vida comunitária durante os anos da formação inicial deve marcar cada indivíduo, purificando-lhe as intenções e transformando-lhes a conduta com vista a uma progressiva conformação a Cristo”¹⁶.

É interessante ressaltar que, na realidade de Seminários Regionais, especialmente naqueles Seminários que abarcam várias dioceses, encontram-se seminaristas com riquezas culturais distintas. O grande desafio é enxergar nos outros aquilo que pode unir, isto é, o objetivo em comum que possuem, que é o de fazer a

¹⁴ Fl 2,7-8.

¹⁵ RATIO FUNDAMENTALIS INSTITUTIONES SACERDOTALIS, 2016, n.56.

¹⁶ RATIO FUNDAMENTALIS INSTITUTIONES SACERDOTALIS, 2016, n.50.

vontade de Deus na entrega total de suas vidas. Esse objetivo faz com que a caminhada se torne mais bela e mais frutuosa, levando os seminaristas a uma verdadeira conversão do coração. Fazer a vontade de Deus vivendo com os outros significa acolher a necessidade de uma conversão pessoal constante e, sobretudo, “descobrir a beleza de tal *caminho*, a alegria da humildade, da penitência, mas também da conversão, do perdão recíproco e do sustento mútuo”¹⁷.

Entendemos que a vivência em comunidade é um caminho permanente, sobretudo na vida dos vocacionados ao sacerdócio, pois “o ministério sacerdotal que brota da Ordem Sagrada tem ‘radical forma comunitária’ e só pode desenvolver-se como ‘tarefa coletiva’¹⁸. Porém, isso também se aplica à vida de todos aqueles que se decidem por seguir os caminhos de Jesus Cristo.

Tal caminho realiza uma transformação comunitária e pessoal, mostrando que por meio da fraternidade nas relações interpessoais, somos educados para a dinâmica da partilha de nossas vidas, em meio à vivência das diferenças, como uma via para a superação dos conflitos. Já dizia Teresa de Jesus, mestra e doutora da espiritualidade, sobre a vida comunitária dentro do convento: “mostrar e mesmo sentir ternura e afeição e compadecer-se de alguns trabalhos e enfermidades das Irmãs, ainda que sejam pequenos pois não é raro uma coisa muito leve dar tão grande pena a uma, como daria a outra uma grande tribulação”¹⁹. Portanto, para um maior amadurecimento nesse caminho da vida comunitária, percebemos que é fundamental a compreensão da necessidade de ir ao encontro do outro em sua idiosincrasia.

1.1 Vida comunitária: um caminho de encontro

O caminho da vida comunitária se faz por meio do encontro. É de suma importância olharmos para a vida de Cristo, que sempre nos propôs o encontro com o próximo, como um caminho para a verdade de nossas vidas e para a profundidade do mistério humano.

Nos relatos evangélicos, percebemos que Cristo direcionava sua atenção à todos, especialmente aos mais pobres, sempre com o coração aberto aos homens, com o desejo de os direcionar para a Salvação de suas vidas. Dessa forma, também nós temos que ser

¹⁷ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, 2013, n.38.

¹⁸ SÃO JOÃO PAULO II, *Pastores Dabo Vobis*, 1992, n.17.

¹⁹ ÁVILA, 2018, p.57.

sensíveis às angústias dos irmãos com este desejo de sermos um sinal do amor de Cristo.

Da mesma forma que o próprio Jesus agia conforme nos é relatado nos Evangelhos²⁰.

Nesse contexto, somos impelidos à conversão sincera do coração de pedra que há em nossa humanidade, para contemplarmos o encontro com o outro como um encontro com o próprio Cristo. Este mesmo Cristo que nos renova ao nos restaurar com um novo coração de carne.

Em sua carta apostólica *Novo Millennio ineunte*, São João Paulo II define que a Igreja é “a casa e a escola de comunhão”. Com isso, o sacerdote, o seminarista e todo o povo de Deus são chamados a adentrar nessa casa com entusiasmo e disposição para aprender a viver em comunidade. E assim, aos poucos, ir fazendo da própria vida a verdadeira comunhão. Nos seminários essa comunhão deve ser evidente, de tal modo que “os elos que se estabelecem entre formadores e seminaristas, e entre os próprios seminaristas, devem ser marcados pela paternidade e pela fraternidade”²¹.

O padre deve ser o homem da comunhão e da participação, um homem que está sempre se doando, a serviço do Reino de Deus. Traduzindo todo esse serviço em amor a Deus e à Igreja na forma de “amor real e incondicional ao povo de Deus, centro do seu trabalho pastoral. O padre diocesano é convidado a ser, no meio de sua comunidade paroquial, profeta da unidade, da comunhão e da participação”²².

Somos chamados ao encontro com todos. Encontro este que, na sinceridade e na verdade, é capaz de transformar e produzir vida nova. Como aquele momento transformador entre Jesus e a Samaritana, que para a lógica humana só podia ser um encontro imperfeito. O ponto em que Jesus chega para nos mostrar a necessidade do amor é de uma profundidade que parece contraditória aos nossos olhos. “Sabemos que nosso *caminho* é, com certeza, eminentemente positivo. Sobre tudo porque amamos é que

²⁰ “O olhar amoroso (a vocação dos primeiros discípulos: Jo 1,35-51); a palavra com autoridade (ensinava na sinagoga de Cafarnaum, Lc 4,32); a capacidade de “fazer-se próximo” (a parábola do Bom Samaritano: Lc 10,25-37); a escolha para “caminhar ao lado” (os discípulos de Emaús: Lc 24,13-35); o testemunho de autenticidade, sem medo de ir contra os preconceitos mais difusos (o lava-pés na última ceia: Jo 13,1-20)” (FRANCISCO, 2017, p. 48).

²¹ RATIO FUNDAMENTALIS INSTITUTIONES SACERDOTALIS, 2016, n.52.

²² CARVALHO, 2017, p.106.

adquirimos todas as virtudes. Portanto, nossa tarefa não é tanto “subtrair”, quanto “acrescentar”, acrescentar amor”²³.

No capítulo quatro do evangelho de São João deparamo-nos com o relato do encontro da Samaritana com Jesus. Segundo a Sagrada Escritura, Jesus estava na Judeia. Porém, ao ser perseguido pelos fariseus, pelo fato de terem ouvido que Ele estava batizando mais do que João, Jesus resolve seguir seu trajeto. Por mais que o mestre não batizasse, mas sim os seus discípulos, decide deixar a Judeia e voltar para a Galileia. Para fazer este caminho, o Evangelho²⁴ nos diz que “era preciso passar pela Samaria”.

A tradição não permitia o contato entre judeus e samaritanos²⁵. Sendo assim, o simples fato de Jesus passar por Samaria já seria motivo de escândalo, ainda mais por ter encontrado uma mulher samaritana, que se casou várias vezes e que talvez, por isso, representava a figura de uma pecadora. Esta mulher desejava pegar água no poço junto ao qual encontrou Jesus. Numa atitude de humildade, Jesus de Nazaré lhe direciona a palavra lhe pedindo: “Dá-me de beber”²⁶.

A mulher Samaritana, no primeiro contato com Cristo, não compreende muito bem aonde o Mestre queria levá-la. Ele desejava oferecer-lhe uma água muito mais pura que a daquele poço; uma água para saciar toda a sua sede para sempre. Sem dúvida, esse encontro marcou a vida daquela mulher, que provavelmente recebia muitos insultos, preconceitos e discriminações. Com este gesto, Jesus supera toda a resistência existente entre judeus e samaritanos.

Certamente Jesus estava cansado de caminhar e, por esse motivo, decide parar junto ao poço. O que dá novo sentido a esse caminhar de Jesus é o encontro com essa mulher que, num primeiro momento, possuía apenas a intenção de retirar água daquele poço e voltar para os seus afazeres. O que essa simples mulher não sabia, ainda, era que esse encontro iria fazê-la ir além daquilo que sua rotina cotidiana lhe oferecia.

Salta aos nossos olhos, neste momento, a insigne característica da ação de Jesus neste encontro: a abertura. O Mestre não tinha medo. Ele continua seu caminho, não mais “terrestre”, porém entra no caminho do coração dessa mulher. O que há de mais profundo

²³ LUBICH, 2013, p.107.

²⁴ Jo 4,4.

²⁵ Cf. rodapé da Bíblia do Peregrino, p. 2194: “Na Samaria começa quase o paganismo. Desde a conquista, deportação em massa e nova colonização por obra da Assíria, a Samaria foi vista com hostilidade e desprezo pelos Judeus; e ela correspondeu com sua hostilidade (p. ex. no tempo de Esdras e Neemias). Mas Jesus tem uma missão na Samaria” (ALONSO SHÖKEL).

²⁶ Jo 4,7.

neste ato é o amor, ao invés da negação. O amor aqui se faz como a forma dessa intensa abertura às necessidades da Samaritana; abertura que sacia a sede de sua alma. Nessa perspectiva, Teresa de Ávila dizia às freiras que estavam no processo formativo: “sempre que em alguma irmã virdes qualquer falta notória, tende muito sentimento. Eis a ocasião de mostrar e exercitar bem o amor, sabendo sofrer o próximo sem se escandalizar”²⁷.

É interessante, também, percebermos que não faz parte da pedagogia de Jesus o desdém ou a indiferença. Suas ações se baseavam no aprofundamento das situações que lhe apareciam. Nesse sentido, para Jesus o amor não possui fronteiras nem julgamentos, mas Ele faz esta mulher sentir-se novamente considerada e restaura a sua dignidade humana. Nos gestos de Jesus revela-se, de modo especial, a tarefa do presbítero que, “à imagem do Bom Pastor, é chamado a ser homem de misericórdia e compaixão, próximo a seu povo e servidor de todos, particularmente dos que sofrem grandes necessidades”²⁸.

A sensibilidade de Jesus deve ser o guia da nossa vida cotidiana, especialmente diante daquelas situações conflituosas que a vida nos oferece. Sabe-se que o que mais maltrata a vida comunitária é o fatal pecado do egoísmo. Todo cristão, e aqui especialmente os padres e seminaristas da Igreja, que alimentam dentro de si o desejo de fazer apenas a própria vontade e nada mais, acabam por tornar a vida da comunidade desgastante. Sem dúvida, o egoísmo vai aos poucos matando a vida comunitária. Como afirma Joseph Ratzinger: “nossa maior ameaça é o medíocre pragmatismo da vida cotidiana da Igreja, no qual, aparentemente, tudo procede com normalidade, mas na verdade a fé vai se desgastando e degenerando em mesquinhez”²⁹. Nesta linha de pensamento, surge sempre o convite a oferecer um pouco mais, um pouco mais dessa água que sacia a sede de vida que há em cada ser humano, saindo da mediocridade e abraçando a verdadeira fé de Jesus Cristo.

Nesse momento, o que mais importa na análise do encontro inesperado entre dois desconhecidos é a misericórdia de Deus agindo na vida da Samaritana, que nos parece estar aberta aos desígnios do Mestre. Deus fala aos corações abertos e dispostos a uma vida nova. Nosso grande desafio, a partir dessa reflexão, é o de percebermos nosso lugar dentro da comunidade, ou, poderíamos até dizer, dentro da humanidade, e além disso, nos configurarmos dia após dia às atitudes de Jesus relatadas pelos Evangelhos.

²⁷ ÁVILA, 2018, p.58.

²⁸ DOCUMENTO DE APARECIDA, 2008, n.198.

²⁹ RATZINGER, 1996, *apud* Documento de Aparecida, 2008, n.12)

Portanto, a mística do encontro, desde a época de Jesus, continua a ser o método mais eficaz para que as nossas relações com os outros sejam frutuosas, verdadeiras e desinteressadas. Devemos estar atentos àquela expressão muito utilizada pelo Papa Francisco desde o início de seu pontificado, especialmente em suas meditações matutinas, nas missas celebradas na capela da casa santa Marta, a chamada “cultura do encontro”. Esta, nos faz ir além de um simples cruzamento entre dois indivíduos, e nos leva a “gastar tempo” e a sentirmos compaixão diante do calvário que cada próximo passa e que muitas das vezes, não chama a nossa atenção. O convite é de trabalhar pela “cultura do encontro”, de modo simples, como fez Jesus: “não só vendo mas olhando, não apenas ouvindo mas escutando, não só cruzando-se com as pessoas mas detendo-se com elas, não só dizendo ‘que pena, pobrezinhos!’ mas deixando-se arrebatado pela compaixão”³⁰.

O encontro com o outro deve sempre ser pautado por nosso encontro pessoal com Cristo, entendendo assim que, o Cristo que está em um de nós, é o mesmo Cristo que está em todos, e que em muitos momentos se sente cansado, como naquele momento na cruz que, cansado, disse ter sede. E lhe oferecemos vinagre, pois ainda não o havíamos reconhecido como o nosso Salvador. Mesmo depois de nossa atitude, o que recebemos de Jesus é a água que vivifica; a água que brota de seu lado aberto. Portanto, no encontro individual ou comunitário com Jesus deve-se considerar que: “não há fronteira, fraqueza ou resistências humanas que a cruz não possa transformar”³¹.

A mística do encontro nos faz mergulhar no mistério de Deus, que está presente no outro. Assim como no Natal celebramos Deus que se faz homem para “encontrar-se” com a humanidade, também os nossos encontros devem ser submetidos a esse amor que não morre, isto é, esse amor que é eterno. “Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim”³². A meta é pautar a vida no profundo e misterioso encontro com todos, fazendo resplandecer o próprio Mistério da Encarnação, encontro de Deus com a humanidade.

1.2 Vida comunitária: um caminho de Unidade

O percurso feito até aqui possibilitou olhar para a vida comunitária como um caminho de profundo encontro com os outros.

³⁰ PAPA FRANCISCO, 2016.

³¹ CENCINI, 2003,p.321.

³² Jo 13,1.

Agora, veremos que a vivência em comunidade, especialmente no Seminário, é um caminho de encontro com os outros que deve nos impulsionar para a Unidade e a Comunhão.

O encontro com o próximo de nada vale se não for firmado na Unidade. A Unidade aqui é entendida como uma resposta ao apelo que Jesus faz aos seus discípulos para “que eles sejam um, como nós somos um”³³. O chamado é para que vivamos unidos em todas as circunstâncias, direcionando nossas relações a exemplo da relação trinitária de Unidade, ou seja, sendo sempre movidos pelo Amor. É fato que muitas são as realidades pessoais que vivemos e que, de certa forma, nos “dividem”. Porém, somos convidados a estabelecer uma união séria de irmãos que possuem a mesma meta, que é fazer a vontade de Deus. Estando unidos, somos capazes de mostrar o próprio rosto de Cristo para toda a humanidade.

É-nos essencial deixar que nossa união com Cristo, traduzida naquele encontro pessoal que cada um de nós teve com a pessoa de Jesus, seja percebida e sentida por todos aqueles que nos encontram. O encontro com Jesus deve ser o mesmo encontro com todos, todos os dias, a todo momento. O desafio aqui descrito é o de sermos capazes de enxergar Jesus nos outros, naqueles que nos cercam. Claro que, primeiramente, naqueles que convivemos diariamente, e dos quais conhecemos as limitações e fraquezas.

O papel da vivência da Unidade, não só na vida do padre ou do seminarista, mas na vida de todo cristão, é o de “deixar-se consumir”. Somente sendo consumidos pela Unidade é que iremos viver como Jesus e, deste modo, espalhar o seu rosto a toda humanidade. Por isso, é fato que, “cada presbítero se une, pois, com seus irmãos por um vínculo de caridade, oração e cooperação, e assim, se manifesta aquela *unidade* na qual Cristo quis que os seus fossem consumados, para que o mundo conheça que o Filho foi enviado pelo Pai”³⁴.

Quando estamos unidos por um ideal, o próprio Jesus, temos a Sua presença em meio a nós, considerando que a Sagrada Escritura afirma: “onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali eu estarei, no meio deles”³⁵. Nesse sentido, a Unidade nos faz alimentar a comunhão entre nós que, se bem aproveitada, é capaz de produzir na comunidade frutos sinceros de vida e de paz. Tal comunhão é compreendida como a perfeita comunhão de amor mútuo que, como dizia Chiara Lubich, “é paradoxal em si mesmo, porque exige a

³³ Jo 17,22.

³⁴ *Presbyterorum Ordinis*, 2001, n.8.

³⁵ Mt 18,20.

doação total e gratuita de si, sem nada esperar, e, ao mesmo tempo, contém um apelo à reciprocidade e à comunhão”³⁶.

Nessa perspectiva, é necessário levar em consideração que somos indivíduos livres e, dentro dessa liberdade, fazemos a escolha de dar a própria vida para gerar o amor, assim como fez o nosso Salvador. Por isso, estamos sempre em dívida com nossos irmãos que se dedicam a nos ajudar na árdua tarefa de amar. Considerando aqui o novo mandamento de Jesus que, sem dúvida, é o próprio amor que se entrega por nós, entende-se que “[...], não é possível prescindir da solidão. Pois, somente em Deus Uni-Trindade é que encontramos a correta relação entre ser pessoa e ser comunidade”³⁷.

Com o Novo Testamento, os cristãos são chamados à vivência do novo mandamento, o de amar. “Eu vos dou um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros”³⁸. Esse mandamento não é novo pelo conteúdo, mas pela sua profunda extensão, ao passar a ser característica principal que indica quem é o verdadeiro discípulo de Jesus. Pois, “nisso conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns para com os outros”³⁹. É interessante a compreensão de Bento XVI sobre o tema, que foi muito bem expressada na encíclica *Deus Caritas est*: “o mandamento do amor só se torna possível porque não é mera exigência: o amor pode ser ‘mandado’, porque antes nos é dado”⁴⁰.

Dessa maneira, somente possuímos a capacidade de amar porque fomos amados por primeiro. Assim, podemos espalhar esse amor misterioso e gratuito de Deus por nós. A caridade espalhada e vivida em meio a nós é o rosto explícito da Trindade aqui na terra. Desse modo, nos relacionamos com Deus de forma vertical e ao mesmo tempo temos que difundir esse amor recebido d’Ele aos outros. Isso significa que, devemos amar em Deus e com Deus até mesmo os que não nos agradam ou que não estão próximos de nós. No amor cristão, a vontade própria assume o dever de deixar-se ser sobreposta pelo encontro pessoal que fizemos com Deus, isto é, sempre trazer à tona a vontade do Mestre.

De fato, o amor ao próximo somente se faz possível porque vivenciamos antes o amor íntimo de Deus por nós, considerando que somente podemos doar aquilo que possuímos. Quando estamos dispostos a amar os irmãos, o encontro com Deus passa a ser “um

³⁶ LUBICH, 2013, p.10.

³⁷ LUBICH, 2013, p.10.

³⁸ Jo 13,34.

³⁹ Jo 13,35.

⁴⁰ LUBICH, 2013, p.11.

encontro que se tornou comunhão de vontade, chegando mesmo a tocar o sentimento. Então, aprendo a ver aquela pessoa já não somente com os meus olhos e sentimentos, mas segundo a perspectiva de Jesus Cristo”⁴¹.

Toda comunidade cristã, especialmente a comunidade formativa do Seminário, tem esse dever de comunicar entre si e a todos os outros o amor gratuito de Deus. Nos escritos bíblicos encontramos uma bela experiência do Ressuscitado vivida pelos Apóstolos. O evangelista São João narra que, após a morte de Jesus Cristo, os discípulos estavam com medo e permaneciam de portas fechadas. Porém, Jesus ao ressuscitar vai ao encontro deles e, permanecendo no meio deles, lhes deseja a paz e sopra o Espírito Santo, comunicando-lhes a sua identidade de Mestre. João também afirma a ausência de um dos discípulos nesta ocasião: “Tomé, chamado dídimo, que era um dos doze, não estava com eles quando Jesus veio”⁴².

Feliz ou infelizmente, Tomé não estava junto à comunidade quando o Ressuscitado vem ao encontro dos seus. Aqui poderíamos nos debruçar diante dos detalhes deste riquíssimo relato evangélico. Porém, queremos nos deter na ausência deste discípulo, que mais tarde fará uma das mais belas profissões de fé já vistas no cristianismo. Após os discípulos terem se encontrado com Jesus Ressuscitado, aqueles dizem à Tomé: “Vimos o Senhor”. Entretanto, sua incredulidade logo se manifesta, ao não se contentar somente com a constatação dos amigos.

Depois de transcorrido oito dias, Jesus aparece novamente aos discípulos, põe-se no meio deles e lhes deseja a paz. Nesse dia, Tomé estava junto deles e Jesus lhe oferece a prova que tanto exigia. “Põe o teu dedo aqui e olha as minhas mãos. Estende a tua mão, coloca-a no meu lado e não sejas incrédulo, mas crê”⁴³. Após esse momento Tomé profere seu breve e profundo ato de fé: “Meu Senhor e meu Deus!”⁴⁴. As palavras seguintes de Jesus deixam um ensinamento a todos nós, para que sejamos fiéis à nossa fé: “Felizes os que não viram e creram!”⁴⁵.

No início deste relato bíblico, encontramos Jesus que vai ao encontro de seus amigos para anunciar-lhes o mistério de sua vida. Tudo aquilo que Ele viveu não foi em vão; após a dor vem a alegria. Nessa alegria da ressurreição, Cristo se coloca no meio deles e se

⁴¹ Deus Caritas Est, 2005, n.18.

⁴² Jo 20,24.

⁴³ Jo 20,27.

⁴⁴ Jo 20,28.

⁴⁵ Jo 20,29.

torna o centro e a vida de toda a comunidade. Suas palavras iniciais são de paz, ou seja, a missão primeira de Cristo junto dos seus é a de tirar o medo do coração de cada discípulo e colocar a paz de Deus. Isto é, em uma vida comunitária sem a presença de Cristo não é possível formar uma comunidade de paz.

Como vimos, na primeira vez em que Jesus aparece aos discípulos que permaneciam trancados e com medo, Tomé não estava na comunidade. Aqui entendemos a importância de passarmos os nossos sofrimentos e angústias ao lado daqueles que vivem conosco na comunidade. Tomé não estava e, por isso, não foi capaz de compreender seus companheiros. Ele estava sozinho, talvez tinha decidido não compartilhar da angústia que muito provavelmente sentia pela ocasião da morte do Mestre.

Para que o mistério fosse entendido por todos, inclusive por Tomé, era necessário a comunhão espiritual de todos os discípulos de Cristo, isso justamente porque, com a profissão de fé que Tomé faz no segundo encontro, os outros discípulos também se sentem tocados e impelidos a serem mais fiéis à sua missão. Juntos, são capazes de alcançar uma compreensão da missão para além de suas experiências pessoais com Jesus. Por isso, a busca da comunhão deve ser o primeiro passo da comunidade, um passo para a vivência da unidade. “A comunhão ajuda o formando na aquisição dos valores mais autênticos da sua pessoa e da vocação para a qual foi chamado”⁴⁶.

Viver a unidade exige uma profunda experiência, concebida como espiritualidade da comunhão, que nos faz intimamente ligados aos outros, com a capacidade de sentir o irmão de fé na unidade profunda do Corpo místico, isto é, “como ‘um que faz parte de mim’, para saber partilhar as suas alegrias e os seus sofrimentos, para intuir os seus anseios e dar remédio às suas necessidades, para oferecer-lhe uma verdadeira e profunda amizade”⁴⁷.

De fato, essa é a vida comunitária entendida em sua profunda espiritualidade e seriedade. Sem alimentar a espiritualidade pessoal, não conseguimos direcionar a vida comunitária para o seu fim, que é o de juntos, um dia, todos sermos redimidos e ressuscitados para a vida eterna. Nesse sentido, afirma o cardeal Van Thuan: “Em nossa formação aprendemos o valor do silêncio, mediante o qual podemos escutar bem a voz de Deus em nosso coração. Mas igualmente essencial é a palavra, i. é, o doar aos outros a própria experiência espiritual”⁴⁸.

⁴⁶ IMODA, 2002, p.139.

⁴⁷SÃO JOÃO PAULO II, 2001, n.43.

⁴⁸NGUYEN VAN THUAN, 2002, p.167.

O padre é o guia da comunidade dos fiéis, é o pastor das ovelhas e, principalmente por isso, deve ser o primeiro a difundir a Comunhão e a Unidade. Não a divisão e a discórdia. Por esse motivo, desde o Seminário, eles são convidados a viver o desafio da vida comunitária, como um caminho de verdadeiro encontro com Cristo presente nos irmãos, e a partir desse encontro serem os primeiros a se desgastar pela Unidade da comunidade. Chiara Lubich dizia a respeito de sua experiência na vida comunitária, que “o irmão era o nosso convento onde a alma devia sempre se recolher. O irmão era a nossa penitência, as mortificações, porque amá-lo exigia a morte completa do eu”⁴⁹.

A morte completa do “eu” é condição para a vida em Deus com os outros. É necessário morrer para si, para as próprias vontades, porém, por mais que pareça, não é uma morte em vão. Tal morte, somente adquire verdadeiro significado quando direcionada a Cristo Ressuscitado, que vence a morte e gera vida, e vida em abundância. “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância”⁵⁰. O amor vence a morte, o amor vive. Assim também nossas relações devem ser pautadas em Deus, um Deus que dá a vida pelos seus e que está nos seus que, está em todos.

O segredo é, com toda certeza, sermos capazes de ver Jesus no outro. Jesus que se apresenta com as suas várias faces, com muita agonia e angústia, como no Horto das Oliveiras, abandonado e com muita dor quando grita “meu Deus, meu Deus, porque me abandonastes?” (Mc 15,34), ou ressuscitado, espalhando esperança e vida. Assim, também estarão os irmãos da comunidade, sendo “outros Cristos”. Esse é o caminho da vida comunitária, o caminho do misterioso amor gratuito de Deus por nós. Por fim, Bento XVI descreve que o amor “é ‘divino’, porque vem de Deus e nos une a Deus, e, através deste processo unificador, transforma-nos em um Nós, que supera as nossas divisões e nos faz ser um só, até que, no fim, Deus seja ‘tudo em todos’. (1Cor 15,28)” (*Deus Caritas Est*, 2005, n.18). Nesse sentido, não podemos perder de vista o amor que é capaz de nos sustentar e fazer permanecer no caminho.

Considerações finais

Ao concluir essas poucas linhas sobre a importância da vida comunitária na vida do seminarista, do presbítero ou também de todo aquele que decide viver o cristianismo, percebemos que, se tivéssemos que resumir tudo o que discorremos até aqui, não

⁴⁹LUBICH, 2013, p.32.

⁵⁰ Jo 10,10.

erraríamos se disséssemos: tudo isso é viver o Evangelho! Ao fazer do Evangelho a nossa meta, viveremos o nosso caminho de encontro com os outros, feito de amor, comunhão e unidade.

A chave para uma vida de comunhão profunda com os irmãos é o olhar voltado para o mistério da Santíssima Trindade. Esse mistério que não cessa de se revelar a nós e de permanecer conosco e com todos aqueles que estão ao nosso redor. A espiritualidade da comunhão é o caminho seguro para a transparência da vida comunitária que, em uma união intensa, nos faz possuir “a capacidade de sentir o irmão de fé na unidade profunda do Corpo místico, isto é, como ‘um que faz parte de mim’, para saber partilhar as suas alegrias e os seus sofrimentos...”⁵¹. Com toda certeza, nos faz também capazes de “intuir os seus anseios e dar remédio às suas necessidades, para oferecer-lhe uma verdadeira e profunda amizade”⁵².

O outro deve ser valorizado por nós como um dom de Deus, um verdadeiro dom de amor e um caminho para a santificação pessoal de cada um, superando todo egoísmo, orgulho, preguiça, competição, suspeitas e/ou ciúmes. Sem dúvida, corroborando com a linha de pensamento Teresa de Ávila chegou a afirmar: “tratai logo de dar remédio e fazer grande oração se houver pequenos grupos, ou desejos de preeminência, ou pontinhos de honra... vejo que é este o maior mal...”⁵³.

De fato, ter consciência disso nos leva ao cultivo da espiritualidade da comunhão com mais seriedade e autenticidade. Por isso, tal prática nos coloca no mistério de Deus presente no próximo: “espiritualidade da comunhão é saber ‘criar espaço’ para o irmão, levando ‘os fardos uns dos outros’ (Gl 6,2)”⁵⁴.

Portanto, a natureza comunitária da vida do presbítero está sempre a exigir uma comunhão de fé com todos, especialmente com o bispo e o presbitério. Sempre com o intuito de que o padre seja capaz de formar verdadeiros cristãos dispostos a viver a comunhão, sendo este, o primeiro a espalhar essa comunhão. Temos que sempre considerar o caminho formativo do seminarista em sua integralidade, buscando sair da fragmentação que empobrece e não gera vida. Com efeito, o caminho comunitário de encontro e de unidade com o outro não é um mero caminho exterior de ilusão e falsidade. Se não for concebido como um caminho interior e espiritual, jamais será vivido na transparência e na verdade. Seriam

⁵¹SÃO JOÃO PAULO II, 2001, n.43.

⁵²SÃO JOÃO PAULO II, 2001, n.43.

⁵³ÁVILA, 2018, p.60.

⁵⁴SÃO JOÃO PAULO II, 2001, n.43.

belas estruturas ou formas, porém, sem conteúdo. A comunhão seria mascarada e não denotaria um meio para se chegar a Deus.

Por fim, somente cultivando a espiritualidade da comunhão faremos um caminho autêntico de santidade. Decidindo por enxergar o outro como alguém limitado como nós e que, justamente por esse motivo, também deve direcionar a vida para Deus. Assim poderemos ser os braços uns dos outros nesse caminho para o Mestre.

Referências

- ARISTÓTELES. *Metafísica, Ensaio introdutório*. Tradução e comentário de Giovanni Reale. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- ÁVILA, Teresa de, Santa (Santa Teresa de Jesus). *Caminho de Perfeição*. Tradução das Carmelitas Descalças do Convento de Santa Teresa do Rio de Janeiro. Dois irmãos, RS: Minha Biblioteca Católica, 2018.
- BENTO XVI. Carta Encíclica Deus Caritas Est sobre o amor cristão. (25 de dezembro de 2005). Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html>. Acesso em: 24 maio 2019.
- BÍBLIA SAGRADA. *Tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil*. Brasília: Edições CNBB, 2019.
- CARVALHO, Humberto Robson de. LORENZ, Fernando. *Espiritualidade do Padre Diocesano*. São Paulo: Paulus, 2017.
- CENCINI, Amedeo. *Integração comunitária do bem e do mal*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Presbyterorum Ordinis* sobre o ministério e a vida dos presbíteros. São Paulo: Paulus, 2001.
- _____. *Constituição pastoral Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje. São Paulo: Paulus, 2001.
- CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *O Dom da Vocação Presbiteral: Ratio fundamentalis Institutiones Sacerdotalis*. L'Osservatore Romano. Cidade do Vaticano, 8 de dezembro de 2016.
- _____. *Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- DOCUMENTO DE APARECIDA. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus, 2008.
- FRANCISCO. *Por uma cultura do encontro*. Meditações matutinas na Santa Missa celebrada na capela da casa Santa Marta. Publicado no L'Osservatore Romano, ed. Em português, n. 37, 15 de setembro de 2016. Disponível em:

<http://m.vatican.va/content/francescomobile/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie_20160913_cultura-do-encontro.html>. Acesso em: 23 maio 2019.

FRANCISCO. *Os Jovens, a Fé e o Discernimento Vocacional*. Documento preparatório da XV Assembleia do Sínodo dos Bispos. São Paulo: Paulus, 2017.

IMODA, Franco. *Mestre, onde moras? Discernimento da vocação*. São Paulo: Paulinas, 2002.

JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis sobre a Formação dos Sacerdotes. São Paulo: Paulinas, 1992.

_____. Carta apostólica *Novo Millennio ineunte*. (06 de janeiro de 2001). Disponível em: <<https://www.acidigital.com/Documentos/nmi4.htm>>. Acesso em: 24 maio 2019.

LUBICH, Chiara. *O Amor Mútuo*. Organizado por Florence Gillet. São Paulo: Cidade Nova, 2013.

NGUYEN VAN THUAN. François Xavier. *Testemunhas da esperança: quando o amor irrompe em situações de heroísmo e no dia-a-dia*. Tradução de João Batista Florentino. São Paulo: Cidade Nova, 2002.

SCHÖKEL, Luís Alonso. *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2017.